

a

semana

san a

ce

Sev i ha

oor

Blasco

pañes



6. ... Quando chegou a Santa Fe, Galhardo deu uma grande alegria a sua mãe.

Nos anos anteriores o espada entrava na província da freguesia de S. Lourenço, como devoto do Nosso Pai Jesus do Grande Poder, vestindo túnica negra com um capuz alto em forma de máscara, que só deixava ver os olhos.

Ora a confraria dos grandes, e o toureiro, vendo-se no caminho da fortuna, entravam para ela, fugindo das confrarias populares, nas quais a devoção andava acompanhada da embriaguez e do escândalo.

Galhardo falava com orgulho da seriedade daquela associação religiosa. Tudo pontal e bem disciplinado, como se fosse no exército. Quando, na noite de Quinta-feira Santa, o relógio de S. Lourenço dava a segunda badalada

das duas horas da manhã, abriam-se  
repentinamente as portas, e aparecia  
perante os olhos do público, ampu-  
lado na escuridão da praça, todo  
o interior do templo, cheio de lu-  
zes e com a confraria formada.

Os negros encapuzados, silen-  
ciosos e lígubres, sem outro sinal  
de vida além do brilho dos olhos  
através da máscara sombria, a-  
vançavam a dois e dois, com  
passos lentos, guardando largo in-  
tervalo de par a par, empunhan-  
do a tocha de chama lívida e ar-  
rastando pelo solo a comprida  
cauda das túnicas.

A multidão, com essa fácil  
impressionalidade dos povos me-  
ridionais, contemplava absorta a  
passagem dos encapuzados, aos  
quais chamavam nazarenos,  
máscaras misteriosas que eram,  
talvez, grandes senhores levados  
pela tradição a figurar naquele  
desfile nocturno que termina-  
va ao nascer do sol.

Era uma confraria de silêncio.  
Os nazarenos não podiam falar e  
caminhavam escoltados por guardas  
municipais, que cuidadosamente  
evitavam que os importunos se  
chegassem para elles e os incomo-  
dassem. Vagueavam pelas ruas  
devotos incantáveis, que, em me-  
mória da Paixão do Senhor, come-  
çavam a passear a sua religi-  
dade de taberna em taberna na  
Quarta Feira Santa e que não ter-  
minavam as suas estações senão  
no sábado, em que os recolhiam  
definitivamente, depois de terem  
dado inúmeras quedas em todas  
as vielas, que eram para elles ou-  
tras tantas ruas da Amargura.

Quando os confrades, obriga-  
dos ao silêncio sob pena de peca-  
do, caminhavam só na procissão,  
esses ímpios, a quem o vizinho  
tirava todo o escripto moral,  
colocavam-se junto delles, mur-  
murando-lhes aos ouvidos as mais  
atrozes injúrias contra as suas in-

cógnitas pessoas e contra suas fa-  
mílias, que não conheciam. O  
masareno calava e sofria, de-  
vorando os insultos e oferecen-  
do-os como um sacrifício ao  
Senhor do Grande Poder. Mas  
o moscardo, animado por aque-  
la mansidão, redobrava o quim-  
bido injurioso, até que, por fim,  
a máscara sagrada pensava  
que a - pesar - do silêncio ser o  
brigatório, não o era a acção, e,  
sem dizer palavra, levantava  
o ário e dava com elle no be-  
bado, que perturbava o santo  
recolhimento da cerimónia.

No decurso da procissão, quan-  
do os portadores dos Passos preci-  
savam de descansar e fica-  
vam imóveis os pesados ande-  
res das imagens rodeadas de lan-  
ternas, bastava um leve susse-  
go para que os encapuçados  
parassem, ficando os pares  
frente a frente, com o mandado  
apoiado num pé e albandando o

povo com os seus olhos misteriosos,  
através da máscara. Eram tetrá-  
cos personagens encapuçados dum  
busto de pé: fantasmas enfiados, cui-  
das hyéguas pareciam espalhar, ao  
arrastarem-se, perfumes do in-  
censo e cheiro da fogueira. Soa-  
vam os lamentos das compridas  
trombetas, quebrando o silêncio da  
noite. Abria a porta dos capu-  
ses, agitavam-se com a brisa  
os pendões da confraria, rectân-  
gulos de veludo negro com fran-  
jas de ouro, tendo bordado o ana-  
gramma romano - S. P. B. R. -  
palavras recordando a intervenção do  
Procurador da Grudeira na morte  
de Jesus! - ~~... e a procissão~~  
Avançava o Passo do Nosso Pai  
Jesus do Grande Poder, uma presa  
de prata forjada de metal, lavra-  
do, com um rodapé de veludo ne-  
gro que chegava ao chão, ocultan-  
do os pés dos vinte homens, que,  
suados e quasi bris, caminhava-  
vam debaixo dele, sustentando-o.

Quatro grupos de lanternas, com anjos de  
ouro, brilhavam nos ângulos, e, ao cen-  
tro, encolhia-se Jesus, um Jesus trá-  
gico, doloroso, ensanguentado, coroado  
de espinhos, vergado sob o peso da cruz  
com a face cadavérica e os olhos  
luminosos, vestido com uma ampla  
túnica, de veludo, coberta de flores de  
ouro, a ponto do rico tecido apenas se  
distinguir, como se fosse um del-  
gado arabesco, por entre os complica-  
dos desenhos de bordado. A presen-  
ça do Senhor do Grande Poder provo-  
cava um suspiro de centenas  
de peitos. — Para Jesus! — mu-  
muravam as ovelhas, com os olhos  
em hipnótica e involuntária  
fixos na imagem. — Senhor do  
Grande Poder! Lembra-te de nós!

O Passo parava a meio da  
praça, com a sua escolta de in-  
quisitoriais encapuzados, e a de-  
vota do povo andaluz que  
confia aos canticos todos os esta-  
dos da sua alma, saudava a  
imagem com gorgieiros de aves

e com laurientos intermináveis.

Uma voz infantil de trépas,  
la suavidade cortava o silêncio.  
Era uma rapariga que, avançan-  
do por entre a multidão até se colo-  
car na primeira fila, cantava uma  
sacra a Jesus. Os três versos do can-  
to eram para o Senhor do Grande  
Poder, e "a escultura mais divina",  
e para o escultor Montañez, com-  
panheiro dos grandes artistas espa-  
nhois da idade de ouro.

Aquela sacra equivalia ao  
primeiro tiro dum combate, iniciando  
uma série interminável de explo-  
sões. Ainda não tinha acabado, e já  
se ouvia outra, em outro sitio, e ou-  
tra e outra, como se a praça fosse  
uma grande gaiola de passaros  
cos, que, despertando com a voz dum  
companheiro, começassem todos a can-  
tar ao mesmo tempo em confusa  
desordem. As vozes de homens, gra-  
ves e roucas, juntavam o seu ton-  
sombrio aos gorgieiros femininos. To-  
dos cantavam com os olhos fixos na

imagem, como se estivessem sós  
deante dela, esquecidos da multi-  
tude que os rodeava, surdos às outras  
vozes, sem se perderem nem hesi-  
tarem nos complicados gorgeios da  
sacra, que cortavam e confundiam  
desharmonicamente as vocalizações  
dos outros. Os encapuçados escuta-  
vam imóveis, olhando para o Je-  
sus, o qual acolhia aqueles cânti-  
cos conservando-se lacrimoso sob o  
peso do manto e a pungente  
dor dos espinhos até que o condu-  
tor do Passo, dando por terminada  
a paragem tocava uma campai-  
nha de prata na frente da platô-  
forma.

— Avança!  
E o Senhor do Grande Poder, de-  
pois de alguns solavancos, fazia-  
se mais alto, e começava a mo-  
ver-se como tentáculos, rentes do  
chão, os pés dos invisíveis portado-  
res.

Depois, vinha a Virgem, "Nossa  
Senhora da Maior Dor", pois todas

as freguesias tinham dois passos, um  
do Filho de Deus e outra da Mãe de  
Jesus. ~~Clôb~~ um pálio de veludo  
tinha a coroa de ouro da Senhora  
da Maior Dor, rodeada de luzes. A  
cauda do manto, com uma amplitu-  
de de muitos metros, caía atrás do  
Passo, abaulada por uma espécie  
de armação de madeira, para mos-  
trar o esplendor dos seus bordados pe-  
sadíssimos, deslumbrantes, muitos ca-  
mos, nos quais se esgotara a habilida-  
de e a paciência de toda uma gera-  
ção.

Os encapuçados escoltavam a Vir-  
gem, e a luz dos seus círios crepi-  
tantes, reflectindo-se naquela man-  
to négio, povoava o ambiente de vi-  
vidos fulgores. Ao compasso do re-  
filar dos tambores, caminhava, depois,  
um rebanho de mulheres, com o cor-  
po na sombra e a cara avermelha-  
da pela chama das velas que des-  
cavam nas mãos. Eram velhas  
de mantilha e de pés descalços, na-  
parigas vestindo trajes brancos que

tinham sido destigados a servir-lhes de mortalha, mulheres que caminhavam com dificuldade como se arrastassem os ventres inchados para oultos e dolorosos desarranjos: todo um batalhão de humanidade doente, que escapara à morte pela bondade do Senhor do Grande Poder e de sua Mãe Santa, vindo a trazer das suas imagens para cumprir uma promessa.

A santa confraria, depois de marchar lentamente pelas ruas, com longas paragens acompanhadas de cânticos, entrava na Catedral, que estava toda a noite com as portas abertas. O desfile de luzes introduzia-se nas naves gigantescas desse templo, disparatado pela sua extraordinária grandesa, e fazia sair da escuridão as suas enormes colunas forradas de veludo carmesim com raios de ouro, sem chegar, contudo, a dissipar completamente as trevas das abóbodas. Os encapuzados desfilavam, semelhantes a negros insectos pontiagudos, à

clareza avermelhada dos côns junto ao pavimento, enquanto a noite continuava amontoadá-las em cinza. Depois, saíam outra vez para a luz das estrelas, abandonando aquela escuridão de crypta, e o sol acabava por surpreender a procissão em plena rua, aguçando o brilho das tochas e fazendo cintilar o ouro das vestes santas e as lágrimas de agonia das imagens.

Galbardo era entusiasta do Senhor do Grande Poder e do magestoso silêncio da sua confraria. Era coisa muito serena! Dos outros passos, era possível rirem-se, por falta de devoção e pela desordem dos confrades. Mas, daquele... Até sentia um calafrio de convicção ao contemplar a imagem poderosa de Jesus, a "primavera escultórica do mundo", e ao ver a magestade com que marchavam os encapuzados. Além disso, naquela confraria tratava-se com muita boa gente. Apesar de isso, o espadado decidiu abandonar, naquele ano, os do Grande Poder, para sair

com os da Macarena, que esvoartavam  
a milagrosa Virgem da Esperan-  
ça. . . . .

Na Quinta-feira Santa foi com  
sua mulher à catedral para ouvir  
o Miserere. O templo com os seus  
arcs ogivais disparatadamente al-  
tos, não tinha outra luz além da  
dunas velas colocadas nas colunas:  
apenas o indispensavel para que  
a multidão não caminhasse às  
apalpadelas. Por detrás das grades  
das capelas laterais estavam en-  
fileiradas as pessoas de boa posição  
social, que fugiam ao contacto da  
multidão suada que se enjor-  
rava nas naveas. Na escuridão  
do céu brilhavam semelhantes a  
uma constelação de estrelas venge-  
lhas, as luzes destinadas aos musi-  
cos e cantores. O Miserere de Es-  
lava fazia ouvir as suas alegres  
melodias italianas naquele am-  
biente terrífico de sombra e de  
mistério. Era um Miserere  
andaluz, um tanto irrequieto e

gracioso como o bater das asas dum  
passaro, com romanezas semelhantes  
a reverências de amor e céus que pare-  
ciam rondonas báquicas, a alegria  
de viver numa região aprazivel,  
que faz esquecer a morte e se re-  
volta contra a estreiteza da Paixão.

Quando a voz do tenor termi-  
nou a última romanza e os seus  
lamentos se perderam nas aboba-  
das, apstrofando a cidade detida  
— Jerusalem, Jerusalem! — a  
multidão debandou, desejosa de  
voltar corra quanto antes às ruas, que  
tinham um aspecto de teatro com os  
seus focos electricos, as ruas filas de  
cadeiras nos passeios e os seus pa-  
langues nas praças.

Galhardo voltou para casa, a fim  
de se vestir de nazareno.

A senhora Angustias tinha unida-  
do do seu traje com uma ternura  
que a fazia voltar aos tempos da  
juventude. Ai, o pobrezito do seu ma-  
rido, que naquela noite se cobria com  
os seus aprestos belicose, dando a

lanças ao hombro, saía para a rua,  
não voltando senão no dia seguin-  
te com o elmo amachucado e o  
brial cheio de nódoas, de pois de a-  
campar com os seus irmãos de  
armas em todas as tabernas de Be-  
vilha! . . . . .

Era mais de meia noite quan-  
do o elegante encapuzado se enca-  
minhou para S. Gil, pelas ruas cheias  
de gente. Nas paredes brancas das casas  
as luzes dos vãos e as portas ilumina-  
das das tabernas tracavam um trém-  
ulo reflexo de sombras e de resplen-  
dores de incêndio.

Antes de chegar à igreja, Galhar-  
do encontrou, na rua estreita por on-  
de havia de passar a procissão, a  
companhia dos judeus a tropa dos ar-  
mados, ferozes algozes que, impacien-  
tes por mostrarem a sua disciplina  
guerrreira, marcavam passo no mes-  
mo terreno, ao som dum tambor  
que rufava sem descanso.

Eravam rapazes e velhos, com o

o rosto emoldurado pelo gibão me-  
tálico do elmo. Vestiam um saio  
cor de vinho e traziam as pernas  
metidas numas calças de algodão  
que imitavam o tom róseo da car-  
ne feminina. Nos pés punham san-  
dalias altas. À cintura uma espada ro-  
mana e, para imitar os soldados mo-  
dernos, penduravam num ombro a qui-  
sa de bandoleira, o fiador das lanças.  
À frente da companhia ondeava a  
bandeira romana com a sua inscriçã  
senatorial, movendo-se ao compasso dos  
rufos do tambor, como faziam todas  
as filas dos legionários.

Um personagem de imponente  
sumptuosidade bambolecava-se, de es-  
pada em punho, à frente daquela  
tropa. Galhardo reconheceu-o ao  
passar.

— Maldito réu! — disse, nindo, debai-  
xo da máscara. — Ninguém fará caso  
de mim. Aquelle leva todas as palmas,  
esta noite.

Era o capitão Ohivo, um ciga-  
no cantor que chegara de manhã,

nada menos do que de Paris, fiel à disciplina militar para se por à frente dos seus soldados.

Voltava a cabeça com belicosa arrogância, olhando os seus olhos de água nos legionários.

— Vamos! É preciso que ninguém tenha que dizer da companhia!... Honra, decência e disciplina!

E dava as suas ordens através das falhas da dentadura, com a mesma voz rouca e acanalhada que que animava a dança das filhas no tablado.

A companhia avançava cadenciando o passo pelo ruído do tambor. Em cada rua havia várias tabernas, às portas das quais permaneciam os alegres conpades com o chapéu deitado para traz e o falcão desabotoado, tendo já perdido a conta aos copos bebidos para esquecer o martírio e a morte do senhor.

Vendo o imponente guerreiro sair davam-lhe, oferecendo-lhe de longe

um copo cheio de líquido dourado, cor de ambar. O capitão dissimulava a sua perturbação servindo a vista e pondo-se ainda mais rígido dentro da sua couraça metálica. Se não estivesse em serviço!...

Alguns mais audaciosos atravessavam a rua para lhe colocar o copo de baixo da cascata das plumas, querendo tentá-lo com o aroma. O incorruptível centurião recuava, porém, apresentando ao atrevido a ponta da espada. O dever era o dever. Este ano não havia de ser como os outros, em que a companhia, pouco depois de sair, caminhava em desorden, vacilando sobre as pedras e marcando mal o passo.

Dentro em pouco, porém, as ruas de Lisboa transformavam-se para o capitão elétrico em ruas da Amargura. Sentia calor debaixo das armas, e, por um pouco de vinho não se perderia a disciplina. E aceitava um copo, depois outro, e, passado algum tempo toda aquela tropa caminhava

va com as fileiras rotas, semeando o caminho de retardatários, que iam ficando para trás nas tabernas do transitó.

A procissão caminhava com a lentidão tradicional, parando horas intiras nas encruzilhadas. O tempo não urgia. Era meia noite e a Macarena não voltaria para casa antes do meio dia seguinte, precisando para percorrer a cidade de mais tempo do que para ir de Sevilha a Madrid.

Primeiramente avançava o Passo da Sentença de Nosso Senhor Jesus Cristo, tablado cheio de figuras representando Pilatos sentado num trono áureo, e em redor dele os algozes de saíes multicores e elmos empunhados, guardando o triste Jesus pronto a caminhar para o suplício com uma túnica de veludo cor de amora, carregada de bordados e sobre a coroa de espinhos três feixes de fios de ouro, que fingiam raios de esplendor divino. A pre-

sar d'este Passo ser tão abundante em figuras e prolixo em adornos, caminhava sem chamar a atenção, como que humilhado pela vizinhança do que vinha atrás: a rainha dos baivros populares, a milagrosa Virgem da Esperança, a Macarena.

Quando a Virgem, de faces rosadas e compridas pestanas, saía do bel. Gil, debaixo d'um pálio de veludo, cabaceando com os movimentos dos occultos portadores, uma aclamação ensurdecedora brotava da multidão que se amontoava no adro. Mas que bonita a grande Senhora! Parecia que nem os anos passavam por ela!...

O manto esplendoroso e invariável, com grosso bordado a ouro que imitava as malhas d'uma rede, estendia-se por detrás do Passo, semelhante à cascata caída d'um gigantesco pavão real. Brilhavam-lhe os olhos de vidro como se com lágrimas consorvidas correspondesse às aclamações dos fiéis e a esse bri-

lho juntava-se o cintilar das jóias que lhe cobriam o corpo, formando uma nova armadura de ouro e de pedrarias sobre a de veludo bordado. Eram centenas, talvez milhares de jóias. Parecia molhada por uma chuva de gotas luminosas em que brilhavam todas as cores do arco-íris. Do pescoço pendiam-lhe fios de pérolas e cadeias de ouro com diádemas de anéis enfiados que, ao moverem-se, derramavam mágicos esplendores. De e a frente do manto iam chapados de relógios de ouro, grêsoes com alfinetes, de brincos de esmeraldas e brilhantes, de anéis com pedras tão grandes como se fossem calhaus luminosos. Todos os devotos mandavam as suas jóias para que a Macarena Santísima as exhibisse naquelle passeio. As mulheres tinham as mãos limpas de adômos naquella noite de dor religiosa, contentes de que a Mãe de Deus ostentasse uma jóia que eram o seu orgulho.

O publico conhecia-as, por as ver todos os anos, e contava-as, assinalando as novidades. A jóia que a Virgem ostentava no peito, pendente duma cadeia, era de Galbardo, o terceiro. Outros compartilhavam com elle da admiracão popular. Os olhares femininos devoravam abertos duas pérolas enormes e uma fila de anéis. Eram duma rapariga do bairro que fora para Madrid dois annos antes, e que, depois da Macarena, voltava para ver a festa acompanhada por um cavalheiro idoso. Que sorte de rapariga!... Galbardo, com a cara coberta e apoiando-se ao bastão, insignia de autoridade, caminhava à frente do Passo com os dignitários da Confraria. Outros encapuzados ostentavam nas mãos compridas trombetas adornadas com panos verdes, de franjas de ouro. De vez em quando, levavam os bocais dos instrumentos a um orifício das máscaras e um som dilacerante, um toque de suplicio cortava o silencio. Mas, aquelle rugido an.

nupcial não despertava em alguma  
nas almas, fazendo-as pensar na  
morte. Pelas ruas transversais, es-  
curas e solitárias, vinham bafora-  
das de brisa primaveril carregadas  
de perfumes de jardim, de chei-  
ro de lavandeiras do aroma das  
flores alinhadas em vasos, por de-  
traz das grades das varandas e das  
sacadas. O azul do céu ia-se  
branqueando com a carícia da lua,  
que se espreguiçava sobre a jame-  
gem das nuvens, mostrando o nòs-  
to por entre os beirais dos dois te-  
lhados. O lígubre desfile parecia  
caminhar contra a corrente da na-  
tureza, perdendo a cada passo a  
sua fúnebre gravidade. Em vão  
as trombetas gemiam lamentos de  
morte, os cantores choravam en-  
toando as côjulas sagradas e os ter-  
riceis algozes cadenciavam o passo  
com o sobrecenho de verdugos.

A noite primaveril via, espal-  
hando a sua respiração perfum-  
mada. Ninguém podia leu-

brar-se da morte.

Em redor da Virgem, já, como  
tropa revoltada, os entusiastas maca-  
re-  
nos, hortelões dos arredores, com as  
suas mulheres desgremhadas que  
arrastavam pela mão uma fila  
de crianças, levando-as em estur-  
são até ao amanhecer. Rapazes do  
bairro com o chapéu novo e as me-  
lencas alisadas sobre as orelhas, fran-  
diavam cacêtes com belicoso fervor,  
como se alguém se propusesse  
faltar ao respeito à formosa senho-  
ra e fosse preciso o auxílio dos seus  
braços. Tão todos misturados, esho-  
rachando-se nas suas estreitas entre  
o enorme Parro e as paredes, mas  
com os olhos fixos na imagem,  
falando-lhe, dirigindo-lhe galante-  
rias à sua formosura e lisonjas  
ao seu milagroso poder, com a in-  
consciência do ninho e a irreflexão  
própria das suas cabeças de gandal.

— Olé la Macarena! A primei-  
ra Virgem do mundo! A que dá  
água pela barba a todas as virgens

do mundo!...

A cada cinquenta passos, parava a plataforma sagrada. Não havia pressa: o tempo era bastante. Em muitas casas exigiam que a Virgem se detivesse para a verem minuciosamente. Todos os taberneiros pediam, também, um descanso à porta do seu estabelecimento, alegrando os seus direitos de moradores do bairro.

Um homem atravessava a rua, dirigindo-se aos encapuzados dos bastões, que iam à frente do Passo:

— Mandem parar!... Está aqui o primeiro cantador do mundo, que quer botar uma saceta à Virgem.

É o primeiro cantador do mundo,, encostado a um amigo, com as pernas a trancos e passando a outro o seu corpo, avançava para a imagem, depois de tossir, soltava a torrente da voz rouca, na qual os

garganteios e requiebrs apagavam a clareza das palavras. Apenas se percebia que cantava à la ma re, à mão de Deus, e, ao vocalizar estas palavras, a voz adquiria ligeiras tremuras de comovido, com essa sensibilidade da poesia popular, que encontra as suas mais sinceras inspirações no amor maternal.

Ainda o cantador não tinha chegado ao meio da sua lenta cópula, quando soava outra vez e depois outra, como que estabelecendo um pugilato musical. E a rua povoava-se de aves invisíveis, umas roucas, com estruções de pulmões enfraquecidos, outras berantes, com um clarido perfurante, que fazia pensar num peixe vermelho e inchado, prestes a rebentar. Na maioria, os cantores conservavam-se ocultos entre a multidão, com a simplicidade duma devoção que não precisava de ser vista nas suas expansões. Outros, orgulhosos da sua voz e do seu estilo, desejavam exhibir-se, colocando-

-se em meio da rua, em frente da  
Santa Maraviana.

Capangas franzinas, de raias de  
ladas e cabelo corado de azeite, cru-  
zavam as mãos sobre o ventre cavado,  
e, fixando os olhos d'os das grandes se-  
nhoras, cantavam, com um fiozito de  
voz, as angústias da mãe ao ver seu  
filho errando sangue e tropeçando  
nas pedras, sob o péso da cruz.

Foucos passos mais adiante, um ra-  
paz, cigano, bronzeado, com as faces rei-  
das, cheirando a roupa suja e a varicó-  
la, ficava em êxtases, com o chapéu  
pendente das mãos, e come-  
çava, também, a cantar à la mare  
marésita de arua, marésita é  
dió, admirando por um grupo de com-  
panheiros que aprovavam com a ca-  
beça as belezas do seu estilo.

E os tambores continuavam enfan-  
do atrás da imagem e as trombetas  
saltavam o seu queidume e todos can-  
tavam ao mesmo tempo, confundindo  
as vozes dissonantes, mas sem que  
ninguém se enganasse, começando

e acabando cada um a sua sacra sem  
embaraco, como se todos fossem surdos,  
como se o fervor religioso os isolasse,  
não tendo outra vida exterior além da  
quela voz <sup>de</sup> hênquela adocada e dos olhos  
fitos na imagem, com uma tenaci-  
da hipnótica.

Quando os  
cantos acabavam, o público prorom-  
pia em aclamações de entusiasmo  
obscuro... e outra vez era glorifica-  
da a Maraviana, a única, a fono-  
sa, a que dava... desgostos a todas  
as Virgens. E o vinho circulava em  
copos, aos pés da imagem, e os mais  
entusiastas atiravam-lhe com o cha-  
péu como se ela fosse uma rapariga  
deuila. Já se não sabia ao certo  
o que era aquilo: se o fervor de ilu-  
minados com que cantavam à Virgem,  
se uma órgia ambulante e paga  
que a acompanhava no seu traje-  
to pelas ruas.

Na frente do Passo caminhava  
um moçoito vestido com uma túnica  
de rixa e corado de espinhos. Pisa-  
va com os pés descalços as pedras

azuladas das ruas. Marchava uovoa-  
do sob os pés duma cruz, duas vezes  
maior do que elle. Quando depois de  
longa paragem, reatava a marcha,  
as boas almas ajudavam-no a trans-  
portar a carga. Ao re-to,  
as mulheres gemiam com impas-  
sa terrível. Pobresito! E com que  
santo fervor unguia a sua peni-  
tência!... Todos no bairro se lem-  
bravam do seu crime sacrilego. O  
maldito vizinho, que toma os homens  
loucos! Três annos antes, na manhã  
de sexta feira santa, quando a Ma-  
carena já se retirava para a sua es-  
greja, depois de vagar toda a noite  
pelas ruas de Sevilha, aquelle peccado,  
que era um bom rapaz e que an-  
dava desde a véspera na pandega  
com os amigos, tinha feito parar o  
Passo numa taberna da Praça do Mer-  
cado. Bantou à Virgem, e, depois,  
possuido de santo entusiasmo, pro-  
nunciou em repuchos. "Olé, la  
Macarena bonita!" Danava-a mais  
do que à sua noiva. E, para me-

lhor expressar a sua fé, quiz ativar-lhe  
aos pés o que levava na mão, julgan-  
do que era o chapéu... E um co-  
po foi estatelar-se nas formosas fa-  
ces da Grande Senhora. E lá o le-  
varam, choramingando para a ca-  
deia... Ve elle, amava a Macarena  
como se fosse sua mãe! Ve era o  
maldito vizinho que deixa os homens  
em estado de não saberem o que  
fazem! Tremem de medo, perante  
a perspectiva dos annos de presidio que  
o esperavam por desacato à Archi-  
gã. Chorou de arrependimento pelo  
seu sacrilegio, e, por fim, os mais in-  
dignados acabaram por interceder a seu  
favor, e tudo se regular, mediante a  
promessa de dar um exemplo aos  
peccadores com uma penitência extraor-  
dinária. Arrastava a cruz,  
ofegante e banhado em suor, mudan-  
do a carga de lugar quando sentia  
um dos hombros entumecido pela dor  
do peso. As mulheres choravam com  
a resignação meridional, dramática,  
em suas manifestações. Os vinga-

uifeiros destinavam-no, e, sem se a-  
traherem a rir da sua penitência o-  
ferciam-lhe por compaixão copos de vi-  
nho. Já a reboitar de fadiga:  
precisava de refrescar. Não era po-  
tões que lho ofereciam, mas por co-  
maradagem. Mas elle des-  
viava os olhos do oferecimento, vol-  
tando-os para a Virgem, para a tomar  
por testemunha do seu martírio. No  
dia seguinte deveria, sem medo al-  
guém, depois de deixar a Macarena  
regressar na sua igreja.

Estava o Parro parado numa  
rua do bairro da Feira, e já a testa  
da procissão chegara ao centro de Se-  
vilha. Os encapuzados verdes e  
a companhia dos arruados avança-  
vam com belicosa astúcia, semelhan-  
tes a uma tropa que marchava ao  
assalto. Queriam ganhar a rua  
da Campana, apoderando-se com ella  
da entrada da rua de Serpes, antes  
que apparecesse outra confraria. Uma  
vez a vanguarda de posse da porci-  
ção, poderia esperar tranquillamente

que chegasse a Virgem. Os macare-  
nos todos os anos se apoderavam da  
famosa rua e gastavam horas interi-  
nas a percorre-la, gosando com os  
impacientes protestos dos confrades  
dos outros bairros, gente inferior cu-  
jas imagens não podiam compa-  
rar-se com a da Macarena e que  
pela sua insignificância miriam  
condenados a esperar humilmente  
atrás deles.

Quis-se o tambor das tropas  
do capitão Chirre à entrada da rua  
da Campana ao mesmo tempo que  
pelo lado oposto appareciam os encapu-  
zados e negros de outra confraria, di-  
quidmente desejosos de alcançar a  
prioridade na passagem. A multi-  
dão curiosa agitou-se entre as ter-  
ças das duas procissões. Proença! Os  
encapuzados negros não respeitá-  
vam nem os judeus e o seu te-  
nível capitão. Este, pela sua  
parte, também não queria sair  
da sua fria altivez. A foga ar-  
mada não deve meter-se nas rixas

xas entre paisanos. Foram os macare  
nos que esultavam a procriação os que,  
em nome da glória do bairro, acomete-  
ram os nagarenos negros com berça-  
las e tochas. Os polícias governaram,  
previdendo dois rapazes que se queixa-  
ram de ter perdido os chapéus e as  
berçolas e induzindo a uma faméa  
cia alguns nagarenos sem capas, que  
levavam as mãos à cabeça com ges-  
to doloroso. Entretanto, o ca-  
pitão lebrivo, astuto como se fosse  
um conquistador, executava com as  
suas tropas um movimento estrá-  
tégico, ocupando a banispana até  
à entrada da rua das Serpes, acom-  
panhado pelo tambor, que accelera-  
va o ritmo com uma alegria rui-  
dosa e triunfal, por entre as aclai-  
mações dos bravos auxiliares do bair-  
ro. — Aqui no ba pasas na!  
Vai viva a Virgem da Macarena!...

A rua das Serpes estava trans-  
formada num salão. Tinham as  
varandas repletas de gente, com  
focos electricos, penderes de cabos

passados de parede a parede, e com  
todos os cafés e lojas iluminadas.  
As janelas estavam obstruídas por ca-  
beças, e, junto das paredes, havia filas  
de cadeiras nas quais se acomodavam  
os espectadores, subindo acima das as-  
sentos cada vez que o longínquo  
som das trombetas e dos tambores a-  
proximava a aproximação duma Pa-  
so.

Naquella noite não  
se dormia na cidade. Até as velhas de  
costumes timoratos, sempre recolhidas nas  
suas viviendas à hora do rosário, velavam  
agora para contemplar, perto da madru-  
gada a passagem das inumeráveis  
procissões. Eram três da manhã e  
já alguma indicava o avanço da  
hora. O povo corria nos cafés e nas  
tabernas. Pelas portas das lojas onde se  
frigia peixe saía o cheiro succulento do  
azeite. Pelo centro da rua anda-  
vam os vendedores ambulantes, apre-  
gando doces e bebidas. Famílias in-  
teiras, que só appareciam nas grandes  
festeriedades, ali estavam desde as duas  
da tarde, vendo passar procissões e mais

proissões: mantos de Virgem de esmaga-  
dora sumptuosidade, que provocavam  
gritos de admiração pelo número dos  
seus metros de veludo, sedentários enoa-  
dos de ouro com crestas de brocado, todo  
um mundo, enfim, de imagens ab-  
surdas, mas quas os rostos trágicos, san-  
grentos ou lacrimosos, contrastavam com  
as roupagens de um luxo teatral, car-  
regadas de riquezas.

Os estrangeiros, atraídos pelo que  
havia de estranho naquela cerimônia  
cristã, a bepe como se fosse uma fes-  
ta de paganismo, na qual não havia  
outro gesto de dor e de tristeza além  
do das imagens, ouviam os nomes des-  
tas da boca dos servilhões sentados  
junto deles. Desfilavam os Passos do  
Sagrado Decreto, do Santo Cristo do Si-  
lêncio, de Nossa Senhora da Amargura,  
de Jesus com a cruz ao ombro, Nossa  
Senhora do Vale, Nosso Pai Jesus das  
Três Cruzes, Nossa Senhora das Lágr-  
mas, o Senhor da Boa Morte e Nos-  
sa Senhora das Três Necessidades. E  
aquele desfile de imagens era acou-

pilhado de nazareños negros e brancos,  
vermelhos, verdes, azuis e violeta, todos  
mascarados, escondendo sob os capuzes  
pontagudos a sua misteriosa person-  
alidade. Só mostravam os olhos atra-  
vés dos orifícios da máscara. As pes-  
soas das plataformas avançavam lentamen-  
te, trabalhosamente, pela estreiteza da  
rua. Quando chegavam à praça  
de S. Francisco, em frente dos cano-  
totes erguidos no Palácio da Câmara,  
os passos davam volta até ficarem  
de frente, e as imagens saíam  
com uma genuflexão dos seus porta-  
dores, os estrangeiros ilustres e as pes-  
soas reais vindas para assistir à festa.  
Junto dos Passos caminhavam  
mocós com cântaros de água. Apenas  
a plataforma parava, erguia-se uma  
porta dos rodapés de veludo que ocul-  
tavam o seu interior, e apareciam  
vinte ou trinta homens, banhados  
em suor, vermelhos de fadiga, semi-  
nus, com lenços atados às cabeças e  
aspecto de selvagens estenuados. Eram  
os galegos, os condutores robustos, aos

quais se confundia fosse qual fosse a sua origem, naquella denominação geográfica, como se os filhos da região não se julgassem aptos para qualquer trabalho continuado e fatigante. Bebiam avidamente a água, e, se havia próximo uma taberna insubordinavam-se contra o director do Passo, reclamando vinho. Obrigados a permanecer durante muitas horas naquella prisão, uniam agachados e satisfaziam outras necessidades. Muitas vezes, quando, depois de longa paragem, o Santo Passo se punha de novo em movimento, a multidão ria, vendo que ficavam a descoberto, sobre a colçada limpa, resíduos que obrigavam a correr com alcofas os empregados da limpeza municipal.

Aquella desfiladeira enmagadada sumptuosidade, com corrente de patibulos rídeis, com rosto cadavéricos e vestes deslumbrantes, prolongava-se por toda a noite, frívolo, alegre e teatral. Em vão as trombetas metálicas lançavam os seus gemis

dos de morte, chorando a mais ruidosa das injustiças, a morte infamante duma deus. A natureza não se ~~com~~comovia, tomando parte naquella dor tradicional. O rio continuava seu surrando por debaixo das pontes, estendendo o seu luminoso lençol por entre os campos silenciosos. Os lanternas incensários da noite, abriam as suas mil bocas brancas, espargindo no ambiente uma atmosfera de carne voluptuosa. As palmeiras agitavam os seus reflexos de plumeas por sobre as muralhas amareladas de Alcázar. A giradela, fantasma azul, erguia-se levando as estrelas e occultando um pedaço do céu por detrás da sua ~~esbelta~~ esbelta mole.

E a lua, ebria de perfumes nocturnos, parecia sorrir à terra plena de seiva primaveril e aos sulcos luminosos da cidade, em cujo fundo avermelhado se agitava um formigueiro, satisfeito de viver, que bebia e cantava, encontrando, naquella morte remota, pretexto para uma festa

interminável.

Jesus amotava. Por isso as mulheres se vestiam de negro e os homens se disfarçavam com túnicas pontagudas que lhes davam o aspecto de insectos estranhos. Por isso os sons metálicos o proclamavam com os seus quixismes teatraes, os templos o diziam com o seu obscuro silencio e com os farrus lugubres dos seus pórticos. E o rio continuava suspirando num idílico susurro, como que convidando a sentarem-se nas suas margens os pares solitários. E as palmeiras agitavam os seus ramos por sobre as ameias com uma vaivém de indiferença. E as laranjeiras exalavam os seus perfumes tentadores, como se apenas reconhecessem a magestade do amor que via a vida e a delícia. E a lua sorria, impávida. E a torre, azulada pela noite, perdia-se no mistério das alturas, pensando, talvez com a simplicidade de alguma das coisas inanimadas, que as ideias dos ho-

mens mudam com os séculos e que os que a ela a stiravam do nada ameditavam novas coisas.

A multidão agitou-se na rua das Serpes com alegre curiosidade. Os Paros da Macarena, formando agora compacta procissão, avançavam acompanhados duma banda de músicos. Os tambores ruíam com fúria, as trombetas rugiam, o bulhoso tropel dos macarenos agitava atrozamente e os espectadores subiam às cadeiras para verem melhor o ruidoso e lento desfile.

O centro da rua inundou-se de garotos que brandiam paus, dando vivas à virgem. As mulheres, desgrenhadas e miseravelmente vestidas, agitavam os braços, ao verem-se no centro de Sevilha, na rua das Serpes, por onde só passavam de longe, em longe, tendo de desfilar sob os olhares da melhor gente da cidade. A sua pobreza amargava por se virar, naquela noite extraordinária, e todos elles vociferavam, dirigindo-se aos cafés, cheios

de gente de sinheiro, e aos clubs onde  
reuniam os señoritos: ~~espant~~

— Lá estão os macarenos! Venham  
todos ver a melhor coisa do mundo!  
Viva a Virgem!

Algumas mulheres puxavam pelos  
maridos, calisbaixos e com as pernas  
trôpegas, depois de três horas de procis-  
são. — "Para casa!"... — Mas, o  
vacilante macareno resistia, e,  
com uma voz que cheirava a vi-  
nho, exclamava:

— Deixa-me, mulher! Antes de  
me ir embora, quero botar uma  
copilita à la moena.

E depois de tossir e de levar a  
mão à garganta, com os olhos fixos  
na imagem, começava a cantar,  
com uma voz surda, que só elle  
podia ouvir, pois se perdia na con-  
fusa barafunda de músicas, de  
guitos, de trombetas e de aclama-  
ções. Uma invasão de loucura  
abalava aquela rua estreita, como  
se uma horda ébria acabasse de  
a assaltar. Bem vozes canta-

vam ao mesmo tempo, cada uma  
com a entonação e ritmo diferentes.  
Rapazes pálidos e banhados em suor,  
como se estivessem para morrer,  
avanzavam para o Passo, sem  
chapéu, com o jaleco desabotoado,  
encostados aos ombros de dois com  
pandeiros, e entoavam, uma saca  
com voz de agonizantes. À en-  
trada da rua, nos passeios da lam-  
para, ficavam estendidos, de bru-  
ços, vários macarenos, como se fos-  
sem os mortos daquela gloriosa  
expedição. À porta dum café,  
estava o Nacional, assistindo com  
a família ao desfile da procissão.  
— "Superstição e atraso!..." —  
Mas, elle seguia o costume, vindo  
todos os anos presenciar a invasão  
da rua das Serpes pelos riidros ma-  
carenos.

Imediatamente reconheceu  
Galhardo, pela sua esbelta estatura  
e pelo garbo toureiro com que en-  
vergava a vestimenta inquisito-  
rial.

— Juavito: manda para o Passo. Es-  
tão aqui no café umas senhoras fo-  
rasteiras que querem ver bem a  
Macarena.

A sagrada plataforma ficou  
imóvel, a banda de música come-  
çou a tocar uma garbosa marcha,  
das que alegram o público nas pra-  
ças de touros, e, imediatamente, os  
ocultos portadores do Passo comen-  
çaram a levantar ao mesmo tem-  
po uma perna, depois a outra,  
executando uma dança que fa-  
zia mover o andor em violenta  
ondulação, empurrando os assisten-  
tes contra as paredes. A Virgem,  
com toda a sua carga de jóias, de  
flores de lanternas, e até com o  
pesado pálio, bailava ao som da  
música. Isto era um espectácu-  
lo que tinha sido ensaiado e do  
qual os macarenos se mostra-  
vam orgulhosos. Os rapazes do  
bairro, agarrados aos dois lados do  
Passo, amparavam-no, seguindo o  
seu violento vai-vem, ao mes-

mo tempo que gritavam por aquele  
abande de fôra e de habilidade.  
— Que senha ver isto Uerilha  
inteira!... Isto é o que é bom!  
Isto só os macarenos o fazem!...

E quando a música se calou  
e as ondulações pararam, ficando  
o Passo imóvel, ressoou uma es-  
trondosa aclamação, impia e des-  
cena, preparada com a ingenui-  
dade do entusiasmo. Davam vi-  
vas à Macarena Santíssima, a  
única, a santa, a que fazia isto  
e aquilo, para todas as virgens  
miseráveis e por conhecer.

A confraria seguiu na sua  
marcha triunfal, deixando retarda-  
dos em todas as tabernas e esten-  
didos em todas as ruas. O sol, ao  
nascer, surpreendeu-a muito lon-  
ge da freguesia, no extremo opo-  
sto de Uerilha, fazendo cintilar com  
os seus primeiros raios a armadei-  
ra de jóias da imagem e illumi-  
nando os rostos lívidos da esolta  
popular e dos macarenos que ti-

nhame tirado o capris. As imagens  
e os seus acompanhadores, sur-  
preendidos pelo amanhacer, pare-  
ciam uma tropa dissoluta voltan-  
do duma orçã.

Fora do mercado ficaram os  
dois passos abandonados no meio da  
rua, enquanto toda a procissão to-  
mava la manhã nas taber-  
nas próximas, substituindo o vi-  
inho por grandes copos de aquar-  
dente de Casala e de Bute.

Os fraldos dos encapuzados  
já sujas, cheias de riçadas,  
mãesalhudas. Nenhum ti-  
nha as luvas inteiras. Um na-  
zareto, com o cinto apagado e  
uma das mãos no capris, con-  
tornia-se ridiculamente, a uma  
esquina, vomitando para dar  
a expiação ao estomago revoltado.

Da brilhante tropa do judeo  
restava, apenas, misérrimas reliquias,  
como se fosse retirando duma  
derrota. O capitão andava dum-  
bado para o outro, triste, com as

plumas murchas caídas sobre o rós-  
to lívido, sem outra preocupação  
cã que não fosse defender a ves-  
timento gloriosa dos contactos e das  
mãosadas sujas. Respeito pela  
farda!...

Galhardo abandonou a procis-  
são pouco depois do sol nascer.

Fizera bastante acompanhando a Virgem toda a noite, e cer-  
tamente que ela lho levava  
em conta. Além disso, a que-  
la última parte da festa, até a  
Macarena entrar em S. Gil,  
cerca do meio dia, era a mais  
dolorosa. A gente que se levanta-  
va de dormir, fresca e tranqüila,  
ria-se dos encapuzados, ridi-  
culos à luz do sol, arrastando a  
embriaguez e as imundices da  
noitada. Não era porventura  
que ~~os~~ vissem um espada  
uma aquela súa de bebados,  
esperando por elles às portas das  
tabernas... »

~~As festas da Semana San-  
ta de Sevilha - de que em  
todo o mundo católico se fala  
com espanto - foram admira-  
velmente fixadas pela pena in-  
mortal de Blasco Ibañez nas  
humanas páginas de "Touros de  
morte." (Sangue e areia), esse  
expletivo livro de combate à  
selvageria das touradas.~~

Quem nunca pôde ver  
aquelas festas - autenticamente  
pagãs! - fica-as conhecendo  
depois de ler estas páginas.

Literariamente são um  
primor, um encanto que nos  
deleita, dando-nos a ilusão de  
vivermos, de aspirarmos as lin-  
das noites da linda Sevilha.

Em Angra, Julho de 1934

